

Iyengar, Sheena (2012), *The Art of Choosing*

Miguel Oliveira



Electronic version

URL: <http://rccs.revues.org/5413>

ISSN: 2182-7435

Publisher

Centro de Estudos Sociais da Universidade
de Coimbra

Printed version

Date of publication: 1 septembre 2013

Number of pages: 160-163

ISSN: 0254-1106

Electronic reference

Miguel Oliveira, « Iyengar, Sheena (2012), *The Art of Choosing* », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 101 | 2013, colocado online no dia 17 Fevereiro 2014, criado a 30 Setembro 2016. URL : <http://rccs.revues.org/5413>

The text is a facsimile of the print edition.



Iyengar, Sheena (2012), *The Art of Choosing*. London: Abbacus, 336 pp. [3.^a ed.]

O livro *A arte de escolher* dispõe de um prólogo titulado “Past is Prologue” a que se seguem sete capítulos e um epílogo, rematados com um posfácio para a edição *paperback* aqui recenseada. Capítulo 1 – “The Call of the Wild”; Capítulo 2 – “A Strange in Strange Lands”; Capítulo 3 – “The Song of Myself”; Capítulo 4 – “Senses and Sensibility”; Capítulo 5 – “I, Robot?”; Capítulo 6 – “Lord of the Things”; Capítulo 7 – “And Then There Were None”. Para além deste núcleo e de seis páginas de agradecimentos, o livro oferece ainda notas de apoio à leitura de cada capítulo que, não sendo remetidas do texto, evitam o vaivém que a sua leitura na própria página ou no fim implica, e descrevem os factos ou histórias “inspiradoras” dos conceitos, problemas e investigações, ou sinalizam e comentam alguma da bibliografia que é explícita ou implicitamente referida em cada capítulo. Por fim, o livro dispõe de um profuso índice remissivo que permitirá revisitações “guiadas” dos temas que nos capítulos ocorrem, por vezes no meio de “narrativas” de cariz pessoal ou jornalístico que poderiam, por essa razão, perder a referência ao interesse explicativo a que estão associadas.

Livros que ostentam no título “A arte de...”, como o que aqui se apresenta, podem não passar de um receituário para lidar com o problema que tratam sob uma fórmula de “autoajuda”, o que muitas vezes ocorre em livros de divulgação para o grande público, especialmente quando se trata de psicologia. Considere-se, pois, esta frase: “Equilibrar esperanças, desejos e a apreciação das possibilidades avaliando as limitações lucidamente: esta é arte de escolher.” (p. 277). Na verdade esta é a última frase do livro. Aqueles que gostam de dar um “salto” ao fim para, como

nos livros policiais, confirmar a culpa do mordomo, poderão ficar com a impressão de que se trata realmente de um manual de autoajuda que termina com uma frase a um tempo trivial e opaca. Se desistirem da leitura com base nas opacidade e trivialidade da mesma, perderão a oportunidade de colher os elementos concretos e explícitos contidos em “esperança”, “desejo”, “possibilidades”, “avaliação”, “lucidez” e “limitações” que compõem a frase. O problema adensa-se se atentarmos agora noutra frase: “Fazemos escolhas e na volta somos feitos delas. A ciência pode ajudar a tornar-nos decisores mais capacitados, mas no seu âmago, a escolha permanece uma arte.” (p. 268). Talvez agora o desejo de conhecer o fim da história de antemão se revele menos provável, embora a frase esteja também na parte final do livro. Mas, no caso de acontecer, antecipando o final, o leitor poderá formar a impressão de que algo mais ocorre neste livro. Talvez este seja o sentido que “arte” ali assume: o que escapa à lente do cânone científico, revelando os limites que esse olhar impõe ao tema da escolha, expõe outras linhas e elementos que, permitindo capturar a substância do tema, se constituem numa “arte de escolher”. A arte pode ser vista, assim, mais como um caminho de superação da frustração a que o objeto condena na sua interpelação científica, do que uma via natural de “figuração”, “narrativa” ou “receituário” da decisão.

A sugestão que o título do livro de Sheena Iyengar avança encontra um sinal seu na afirmação de que “‘Escolha’ pode significar tantas coisas diferentes e o seu estudo abordado de modos tão distintos que um livro não pode conter a sua completude.” (p. xii), ao qual se junta o truísmo de que a escolha perpassa por todo um espectro

de ação que vai “do trivial à transformação da vida” (p. xiii).

A escolha estará, pois, por todo o lado e levanta de antemão a suspeita de que, por essa mesma razão, a determinação do que é a escolha seja ela mesma elusiva face ao poder de fundamentação lógico-matemático ou da observação laboratorial ou de campo. Disso mesmo é testemunha a breve história da decisão a partir da publicação da *Teoria dos jogos e comportamento económico* de von Neumann & Morgenstern (1953¹), que viu acentuar-se o declínio lento mas firme da sua premissa racional normativa (maximização da utilidade esperada), a par da crescente adoção dos elementos descritivos, decorrentes de premissas inaugurais das ciências sociais e sustentados em crescente evidência de anomalias à luz do paradigma da racionalidade *laplaciana* (Gigerenzer, 2008²).

No posfácio em que Iyengar faz um resumo inteligente da obra, não repetidor do “essencial” de cada capítulo, procede-se a uma alusão à receção pública das primeiras edições do livro, que se caracteriza pela perplexidade dos leitores que se manifestam “um pouco esmagados pela complexidade da escolha e pela enorme quantidade de informação.” (p. 269). Quanto a nós, tal perplexidade não dependerá verdadeiramente da escrita, por vezes de uma fluidez e clareza invejáveis, num registo pessoal, pontuado por referências à literatura universal, à investigação científica ou à vida simples do dia a dia. Porventura decorrerá antes da natureza intrínseca do objeto “escolha”, que insistentemente surge como refratário a uma definição única.

Não obstante o estilo e os seus efeitos quanto a uma definição prescritiva de “escolha”, uma vez lido por inteiro, o livro

servirá bem o leitor pela competente descrição do estado da arte, essencialmente do ponto de vista da biologia e da psicologia social e intercultural, apoiado em notas a cada capítulo, já acima referidas. Afinal, a perplexidade dos leitores será mais um sinal da competência da descrição (insistimos de leitura agradável e não muito exigente) que parece conseguir transmitir a mais óbvia interpretação do que hoje se sabe sobre escolha e decisão no campo científico, abstendo-se no mesmo passo de assinalar “o” caminho, seguindo inclusivamente, por vezes, um tom provocatório pelo caráter dilemático da exposição, e fugindo assim a qualquer tentação de estabelecer receitas prontas a usar.

Mas este livro acrescenta ainda outro ponto de interesse: Iyengar discorre sobre temas centrais da nossa vida atual (e.g. consumismo, tolerância, globalização, religião) que consegue fazer girar em torno da *escolha* ou do *escolher*, o que funciona como um magneto que tudo atrai na vida individual, grupal ou em sociedade.

Antes, porém, é importante sublinhar que, do ponto de vista da psicologia, “A arte de escolher” percorre os *themata* de onde atualmente emergem as principais discussões em torno da decisão e da escolha. Não envereda, claro está, por discussões académicas sobre teorias normativas, prescritivas e descritivas da decisão, mas remete no caso das últimas para a evidência e interpretação científicas, por vezes problemáticas e não definitivas, que permitem traçar os contornos afetivos, cognitivos, motivacionais, culturais e políticos que enformam as escolhas do dia a dia, como as de longo prazo. Bom exemplo disso é a sequência que Iyengar consegue imprimir no livro, começando na noção da escolha

¹ von Neumann, J. Morgenstern, O. (1953), *Theory of Games and Economic Behavior*. Princeton, NJ: Princeton University Press [3.ª ed.]

² Gigerenzer, G. (2008), *Rationality for Mortals*. New York: Oxford University Press.

como instintiva ou consciente e livre (situações extremas de vida ou morte de animais e seres humanos), seguindo para as condições individuais intrínsecas e extrínsecas. E daqui decorre que, neste jogo de condicionantes internas e externas, que podem ou não ser extremas, a circunstância da escolha seja sempre determinada por uma percepção, mais ou menos verídica, quanto ao maior ou menor controlo que sobre ela detém aquele que escolhe (uma vez mais ser humano ou animal). Este desenvolvimento vai adensando o problema da escolha, revelando uma tessitura para a qual todos estes fatores contribuem de forma desigual.

A autora parte de uma definição de decisão ou escolha que, no mundo ocidental, é familiar e remete para o livre arbítrio e para o poder de controlo e de formação de identidade individuais e, em última análise da felicidade (o “American Dream”). Ilustração interessante e eloquente é a da lista de escolhas feitas ao longo de um dia inteiro por um grupo de estudantes norte-americanos a viver em Tóquio, que revelam que qualquer ato mais ou menos automático, habitual ou trivial era considerado uma escolha (no sentido de deliberação) por parte de um sujeito consciente, determinado a cumprir um plano. As listas equivalentes feitas por alunos japoneses com o mesmo propósito correspondiam a folhas quase em branco. Muitas comparações interculturais são descritas de forma anedótica ou com evidência científica, resultando na fragilização da conceção familiar de escolha como dependendo exclusivamente de uma “vontade” individual e consciente. A autora discorre sobre como estas diferentes experiências subjetivas (na verdade também coletiva e culturalmente determinadas) implicam vivências distintas da cidadania e da ética. Um outro ponto de realce neste livro é o da questão da abundância de escolhas que

somos obrigados a contemplar na organização social atual (e.g. consumo, saúde, finanças) e da abundância de opções dentro de uma mesma escolha. É o caso do questionário realizado por Iyengar em países do Leste da Europa, pouco tempo após a queda do Muro de Berlim (Alemanha, Polónia, Ucrânia, Rússia), em que cidadãos desses países se referem a uma opção entre sete marcas de refrigerantes (Coca-Cola, Pepsi, etc.) como uma escolha simples entre beber/não beber refrigerante. A edição dos elementos da própria estrutura ou arquitetura da escolha parece determinada por uma vivência em que as marcas não são um atributo a dar atenção, alterando a própria natureza da escolha. Mas a esta questão intercultural acresce uma outra, mais funda, sobre o valor da variedade de escolha, pelo menos em território dos EUA, e que está intimamente associada à liberdade de escolha (mas poderia de forma algo mitigada ser também na Europa Ocidental). Recorrendo à série “The Simpsons”, em que o mercado de Springfield, chamado Monstromart, tem como lema a frase “Onde comprar é uma desconcertante provação” (p. 206), Iyengar consegue resumir o problema da escolha – especialmente no consumo: ao ver em muitas opções de escolha uma vantagem, podemos estar a reduzir a possibilidade de bem escolher devido a limitações cognitivas (de cálculo, de memória, de percepção, conduzindo à confusão e fadiga) e afetivas (desapontamento e arrependimento associados à escolha feita nessas condições), independentemente do fator motivacional que, em primeiro lugar, determinou desejo ou a necessidade de consumo. A pesquisa que tornou Iyengar famosa na área do marketing e da psicologia da decisão é precisamente aquela em que o fator número (variedade) de opções é manipulado com consequências contraintuitivas (capítulos 5 e 6). Se condescendemos que ter muitas

opções é equivalente a uma condição para o exercício de liberdade de escolha, não damos conta de que nem sempre saímos mais contentes com a decisão tomada, como seria de esperar, como podemos inclusive sentir mais felicidade escolhendo num contexto em que a quantidade de opções é menor.

Por fim, referimo-nos a dois exemplos impressionantes pela mescla de implicações que escolhas aparentemente privadas (consideradas individualmente ou em família) podem ter com consequências muito relevantes do ponto de vista ético, social e político. É o caso da descrição que Iyengar faz de escolhas como são as de “desligar” a máquina de um paciente (uma criança) em suporte de vida artificial ou do suicídio na terceira idade. As dimensões ética e técnica (de descrição dos processos e seus efeitos nos decisores) associadas a elementos de percepção e avaliação sob quadros culturais distintos, transmitem o sentido poderoso que a escolha assume nas nossas vidas seja para glosar o caráter individual ou coletivo da escolha, seja para salientar a sua dificuldade intrínseca. No primeiro caso, trata-se da comparação intercultural (EUA/França) sobre a responsabilidade em escolhas reais que consistem em manter ligado ou fazer desligar o suporte artificial de vida de uma criança que terá sempre, mesmo que mantida viva, profundas lesões cerebrais numa condição de total dependência. A delegação da escolha nos médicos, como sucede num caso em França, ao contrário

do que acontece num caso equivalente nos EUA em que a decisão e responsabilidade são exigidas aos pais, revela-se para estes últimos como um momento insuperável e originador de sentimentos de culpa inultrapassáveis. Embora esta experiência seja também difícil e marcante para os pais franceses, estes mostram-se mais capazes de lidar com a perda e motivados para enfrentar a vida.

O segundo caso, relativo a suicídio/ eutanásia voluntário/a, é o da escritora Jane Aiken Hodge, que decidiu e planeou suicidar-se aos 91 anos de idade, solitariamente e em segredo (armazenou durante anos os comprimidos necessários para o efeito), não obstante não ter, para a idade, qualquer problema de saúde “fatal” ou não controlado. Fê-lo, contudo, sem incorrer em qualquer delegação de responsabilidades inerentes a quem eventualmente estivesse ligado à assistência do seu suicídio. A força desta evidência (casuística neste último caso ou quase-experimental no primeiro) é essencialmente problematizadora, lembrando que, na prática, tais decisões e escolhas são feitas efetivamente e, tal como os animais ou homens em situações extremas, a percepção de que controlamos a situação e, por isso, decidimos voluntariamente, assume intensidades e formas diversas, fazendo justiça à necessidade de aceitar que “escolher é uma arte” no sentido que a autora em várias instâncias do livro sugere.

Miguel Oliveira

Olen, Helaine (2012), *Pound Foolish: Exposing the Dark Side of the Personal Finance Industry*. New York: Portfolio Penguin, 292 pp.

Nas últimas décadas, temos vindo a assistir a transformações socioeconómicas profundas que têm conduzido a uma crescente participação das famílias nos mercados

financeiros. Com maior expressão nas economias capitalistas mais desenvolvidas, como os Estados Unidos da América e o Reino Unido, observa-se um crescente